

FORMAÇÃO DOCENTE: IDENTIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE

[TEACHER TRAINING: IDENTITY, GENDER AND DIVERSITY]

Rita Maria Radl Philipp

Doutora em Filosofia e Ciências da Educação, pela Universidade de Santiago de Compostela/Espanha. Professora da Universidade de Santiago de Compostela/Espanha e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tem experiência na área de Sociologia, Filosofia da Educação, Estudos sobre Gênero com ênfase em Investigações Feministas e de Estudos de Gênero.

(E-mail: ritam.radl@usc.es)

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer muito especialmente o meu convite à *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*, também para a organização do congresso, a professora Maria Reilta Dantas Cirino, o professor Galileu Galilei Medeiros de Souza e a professora Shirlene Santos Mafra Medeiros, minha ex-orientanda de Doutorado.

No presente contexto, nesta mesa¹, se planeja abordar o tema ***Formação docente: identidade, gênero e diversidade***, sem dúvida um tema central desde uma ótica da educação e da ação educativa. Desde a minha perspectiva de pesquisadora sobre temas científicos de mulheres vou focar a questão concreta dos *Processos de construção das identidades de gênero e educação*. Em muito dos meus escritos defendi uma visão crítica ideológica e interacionista sobre o tema das identidades de gênero, mas também referente a ação educadora, que também vai ser o enfoque epistemológico-teórico que guia minha argumentação na presente palestra.

No presente contexto, nesta mesa, se planeja abordar o tema ***Formação docente: identidade, gênero e diversidade***, sem dúvida um tema central desde uma ótica da educação e da ação educativa. Desde a minha perspectiva de pesquisadora sobre temas científicos de mulheres vou focar a questão concreta dos *Processos de construção das identidades de gênero e educação*. Em muito dos meus escritos defendi uma visão crítica ideológica e interacionista sobre o tema das identidades de gênero, mas também referente a ação educadora, que também vai ser o enfoque epistemológico-teórico que guia minha argumentação na presente palestra.

Assim sendo, vou falar no primeiro ponto dos conceitos identidade e identidade de gênero, no segundo, analisamos os processos de construção das identidades de gênero propriamente dito. O ponto três ocupa-se da relação educação, identidades de gênero e interação.

1 ESCLARECIMENTO CONCEITUAL IDENTIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Quando falamos de identidades de gênero nos referimos a um aspecto essencial, muito limitado da nossa identidade que, no entanto, fundamenta de forma determinante o

¹ Mesa Redonda apresentada na VII Semana de Filosofia do Campus Caicó, em 05/12/2016.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

que somos como pessoas. O termo identidade, do latim *identitas*² ou *identitatis* tem a noção de "o mesmo" ou "a mesma", tão como refere o dicionário da Real academia da língua (RAE). Este dicionário mais além disso, fala de quatro significados que aludem a uma perspectiva social de classificação por um lado e de auto percepção ou autoconceito do sujeito, por outro.³

A definição citada baseia-se a noção geral, o uso diário do conceito de identidade, que se refere a todas as particulares e específicas características da personalidade humana que distinguem uma pessoa da outra, tanto do ponto de vista social como o que enfoca a auto identificação do sujeito. Tal precisão geral se diferencia do significado sociológico que encaminha para uma categoria social, situacional e reflexiva da identidade e como tal visa o lugar estrutural e os cargos que ocupa um assunto na sociedade em um determinado tempo, isto é, a sua noção de *papéis sociais*, que está ligada ao desempenho dos papéis sociais que inclui expectativas sociais, regras de comportamento, exigências de conduta, etc.

Partindo dos conceitos acima mencionadas, no campo das ciências sociais que encontramos a concepção *psicológica* que alude como categoria os traços individuais específicos da pessoa, que a diferencia de outros sujeitos, diferencia o mundo exterior do mundo interior do sujeito que tem, por sua vez, várias noções, dependendo da ótica teórica epistemológica defendida, como é o caso, por exemplo, da visão psicanalítica. Para entender a complexidade da questão, é importante notar que as diferentes teorias diferenciam também entre "identidade pessoal" e "identidade social" (GOFFMAN, 2006, 1963, KRAPPMANN, 1972) ou o "I" ("Eu") e "Me" ("Mim") em (MEAD, 1972).

Neste sentido, Goffman afirma que "[...] o meio social estabelece as categorias de pessoas que em essa podem ser encontradas" (GOFFMAN, 2006, p. 12) e é isso que define uma categorização social, ou seja, que "[...] manejamos certos supostos sobre o indivíduo [...]" que aludem claramente uma dimensão social e "Portanto, as demandas que formulamos poderíamos chamar com maiores exigências de propriedade estabelecidas 'em essência' [...] a

² Veja sobre a precisão terminológica Radl Philipp, Rita, Mafra Medeiros, Shirlene Santos (2016) *Identities, Género y Educación: Memoria Educativa y la Formación Social de la Identidad en Educadoras en Brasil*, In: Revista Innovación Educativa, No. 26, p. 127.

³ La definición de la RAE dice literalmente: A)- "*Cualidad de idéntico*"

B)- "*Conjunto de rasgos propios de un individuo o de una colectividad que los caracterizan frente a los demás*".

C)- "*Conciencia que una persona tiene de ser ella misma y distinta a las demás*".

D)- "*Hecho de ser alguien o algo el mismo que se supone o se busca*". Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua, 2014.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

categoria e os atributos que, na verdade, como pode ser mostrado, pertencem ao indivíduo, são referidos como de sua identidade 'social' "(GOFFMAN, 20006, p. 12)." Com esta categorização de identidade social que refere, o autor nos fala de maneira exata das expectativas e papéis sociais. A categoria "identidade pessoal", em vez disso, faz alusão a dimensão pessoal, isto é, a "unicidade", a "singularidade" da identidade do sujeito (GOFFMAN, 2006, 72), abrange, especificamente "[...] as marcas ou caminhos de identidade e a combinação única dos itens de história vital, anexado ao indivíduo por meio daqueles carrinhos da sua identidade" (GOFFMAN, 2006, p. 73).

Nesse sentido, que nos traria essas ideias que diferenciam entre aspectos pessoais e identidade social, ao nosso contexto específico? Uma ótica que está focada nas identidades ou papéis de gênero, que seja enquadrada na linha científica social e sociológica, tem de partir de forma evidente de uma visão ampla, multidimensional da identidade, principalmente, considerando o papel do gênero como uma entidade transversal, presente em todos os papéis sociais. Além disso, entende-se que é formada por aspectos das próprias pessoas e seus traços de 'identidade pessoal', ou nas palavras de Mead, do "I" em um lado, e as definições das características estruturais e sistêmicas da "identidade social" ou do "Me" em terminologia meadiana, em outra.

No contexto que nos interessa, vamos usar o construto de identidade com essa dupla conotação, apresentamos a dimensão pessoal e social da mesma na perspectiva específica da identidade de gênero que aponta para os aspectos essenciais da pessoa como feminino ou masculino em suas configurações culturais, sociais e psicológicos. É mais, entendemos que as diferentes vertentes da identidade da pessoa não são desvinculáveis da sua identidade de gênero, representa, no final, sempre uma "*identidade sexada*" (IRIGARAY, 1992). Os elementos acima mencionados comportam os traços de identidade masculina e feminina, com base em diferenças sexuais e biológicas, mas é importante diferenciar essa construção conceitual de identidade de gênero da concepção de "Identidade Sexual" que tem uma noção biológica, fisiológica e hormonal mesmo que isto também se refere a significados sociais da classificação. Neste ponto de vista aprofundam, finalmente, as afirmações de Foucault, mas também os pontos de vista feministas críticos com a utilização conceitual o uso binomial de gênero de autoras tão diversas como Donna Haraway, Nancy Hartsock, Linda Nicholson, Gayle Rubin, Monique Wittig e outras, embora usamos especialmente a visão meadiana, para destacar o aspecto social construtivo e o significado das interações simbólicas em conexão

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

com as identidades de gênero, mesmo que, a partir de uma perspectiva específica nos fazemos eco, para o contexto no qual estamos da ideia “[...] que ser uma mulher e ser um homem são algo que é dado por duas realidades: a que vem da biologia, que normalmente conhecemos como <<sexo>>. E a que vem da cultura e sociedade, a que é modernamente é conhecida como <<gênero>>.” (Subirats, Marina/ Tomé, Amparo, 2007, p. 19).

Já tinha deixado registro em outro lugar de que “[...] o debate sobre os processos de construção social das identidades de gênero e muito especificamente o debate teórico atual no campo teórico-discursivo-feminista no qual desde as posições pós-modernas, tecnológicas e desconstrutivistas é colocado especialmente o acento no aspecto puramente impositivo da construção social dos esboços da identidade [...]” (RADL PHILIPP, 2014, p. 47) é complicado e complexo, e em realidade corresponde para uma visão reducionista. Algumas propostas propõem desligar sexo, gênero e identidade. Também, de uma perspectiva com foco em educação entendemos que o significado do gênero “[...] é complexo no contexto da socialização humana e é subordinado a uma dinâmica interativa comunicativa, que por sua vez é definida claramente pelas condições sócio-históricas do contexto cultural em que estão inseridos” (RADL PHILIPP 1996c, 15), ou seja, o processo de construção das identidades de gênero está imerso em um quadro em que o próprio sujeito é ser ativo e age intersubjetiva e socialmente, tão como vamos analisar no presente marco. Dados empíricos de nossas pesquisas sobre a mudança dos papéis de gênero em jovens confirmam nossa afirmação.

2 IDENTIDADES DE GÊNERO E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

O debate sobre os processos de construção social das identidades de gênero, e muito especificamente o debate teórico atual no campo teórico-feminista, especialmente desde posturas pós-modernas, tecnológicas e desconstrutivistas em relação à construção social da identidade de gênero, mostra principalmente para a argumentação de duas posições, resumindo e simplificar talvez em excesso as implicações epistemológicas do próprio debate, que é justificado no nosso caso pela especificidade do nosso contexto. Este enfoca de modo singular uma ótica educacional e de socialização, deixando de lado, isso sim, o debate sobre o próprio uso conceitual de gênero (RADL-PHILIPP, 2010b).

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

Em primeiro lugar, salientamos a postura que o gênero é, em suma, uma questão socialmente e culturalmente imposta ao indivíduo enquanto construção social, ou seja, um feito do que o sujeito não pode subtrair, e que é certamente concebido em termos de um processo de imposição unilateral estrutural, ou, funcional-estrutural. A identidade de gênero obedece, de acordo com esta postura, para uma dinâmica estrutural unilateral em que o sujeito atua como simples agente ou ator reproduzidor de significados sociais prefigurados e externos a pessoa. A segunda posição parte desta concepção de construção social imposta sobre o sujeito de uma estrutura social e classifica de patriarcal e androcêntrica. Precisamente alegando a capacidade individual e/ou coletiva dos sujeitos, essa postura propõe desconstruir as construções da identidade feminina e masculina como algo historicamente superável, para abrir a possibilidade aos sujeitos para elaborar suas identidades de forma híbrida, de queer, e voluntária e recorrem para isso, entre outras coisas, as possibilidades que oferecem as novas tecnologias da comunicação e da informação colocando em dúvida os modelos hegemônicos e o modelo heterossexual.

Enfrentando a questão educacional, ou, de um ângulo da educação e a socialização humana, o debate, ao final, não é trivial, apesar de já ser percebida duas problemáticas desde o momento do início do debate da diferenciação conceitual sexo e gênero, que é planejado, como é sabido, no início da década dos anos sessenta do século XX por John Money e com algumas nuances específicas teóricas por Robert Stoller no seio das suas experiências terapêuticas psicológicas. Já em seus contextos específicos havia, como bem diz M^a Jesus, duas soluções, ou moldá-las definições e percepções individuais dos sujeitos em relação ao seu corpo e sua associação social de gênero com os modelos socialmente existentes (da sociedade), isto é, submeter o corpo biológico para uma intervenção ou, pelo contrário, que a mesma sociedade alterara seus constructos qualificadores de gênero para permitir outros modelos de identidades de gênero além das duas existentes.

A solução do sujeito de submeter seu corpo para uma intervenção de moldar o corpo biológico para a definição da identidade de gênero do sujeito é, certamente, adotar uma solução conservadora com vistas à sociedade de preservar sua própria estrutura social mantendo em termos estrutural-funcionais seu equilíbrio sistêmico no sentido parsoniano.

Se efetivamente, devemos entender que nosso comportamento enquanto sexuado que nos classifica como homens e mulheres é somente uma questão de atribuição, classificação e assunção social mais além da própria pessoa, então, poderia ser possível pensar

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

que cada sujeito escolha e vai escolher quando toma consciência deste processo de construção social de gênero de sua própria identidade de gênero de forma voluntária postulando, em efeito, que todo o nosso comportamento é, de fato, consciente, ou bem, unilateralmente imposto ao sujeito por parte da estrutura social. Sendo esta tese certa, então, os processos de mudança de conduta, não ia ser possível (quando não há nenhum processo de conscientização) ou seria apenas um assunto do próprio sujeito, são uma questão de vontade e, de fato, os processos de educação, em sentido estrito, não seriam possíveis, ou inversamente, o sujeito seria completamente permeável pela educação.

Uma visão interacionista das ações educativas e especificamente dos processos de socialização humana⁴ -e a educação tem de ser concebida como um processo de socialização humana específica- mostra-nos, no entanto, que as dinâmicas de construção social não são acenos para as próprias pessoas durante o processo da sua construção social. O sujeito é parte ativa desses processos e, portanto, também dos possíveis processos de modificação e transformação das identidades de gênero das pessoas e com isso da transformação das próprias estruturas sociais androcêntricas e patriarcais, mesmo quando esses processos são altamente complexos e complicados.

Nesse sentido, é necessário repensar no contexto que nos ocupa neste momento aqui o debate sobre gênero e os processos de construção social das identidades de gênero à luz de uma concepção teórica da educação e da socialização humana que permite, por um lado, aventurar soluções para o debate conceitual de uma perspectiva diferente e por outro lado, avançar e apontar para novas soluções para o dilema da identidade de gênero para homens e mulheres. Nossa análise é particularmente relevante do ponto de vista de uma sociedade (do futuro) equitativa e igualitária em função do gênero. Focando-nos especificamente sobre uma concepção interacionista, esta última concebe os sujeitos masculinos e femininos como sujeitos específicos, historicamente e intersubjetivamente constituídos, reflexivamente e ativamente envolvidos em seu próprio processo de constituição, de autoconstituição e de reprodução social.

Uma concepção desse tipo parte de premissas diferentes das apontadas antes. Entender, em suma, o processo da construção social das identidades de gênero como um

⁴ Para nossa concepção consultar : Radl Philipp, R. (1991) “La educación como Interacción Simbólica”, en: **Revista de ciencias de la educación**, n. 145, p. 7-15.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

processo altamente complexo e complicado em que o próprio sujeito constrói e recria ativamente o conteúdo estrutural dos papéis de gênero, em que tem, inclusivamente nas situações mais limitadas, uma margem de interpretação, que as próprias condições de comunicação exigem. Uma ótica teórica interacionista rejeita a concepção deste processo como um processo unilateralmente predeterminado e também como um assunto "voluntária e arbitrariamente" determinável que obedece a uma dinâmica que exclui o envolvimento e a ação dos sujeitos.

3 EDUCAÇÃO, IDENTIDADE DE GÊNERO E INTERAÇÃO

Pois bem, que significa o dito até agora para o processo de construção das identidades e, particularmente, das identidades de gênero?

É necessário aprofundar, então, no processo de construção social das identidades de gênero, conceituar mesmo este como um processo altamente complexo e complicado, em que o próprio sujeito constrói e recria ativamente o conteúdo estrutural dos papéis de gênero, ou seja, analisando, de uma perspectiva teórica interacionista a dinâmica da construção social das identidades de gênero. Neste sentido, sublinhamos que adotar tal ângulo científico de partida significa primeiro, perfilar uma visão claramente socio-histórica desse processo, assim, as identidades das pessoas emergem de suas ações sociais e neles são construídos e reconstruídos de forma intersubjetiva, mas não em uma base individual. Em segundo lugar, uma ótica interacionista explica que o próprio sujeito intervém ativamente nestes processos e, portanto, no processo de construção da sua identidade em tanto que sexuada, esse não é apenas o produto ou o reflexo unilateral das normas e expectativas sociais. O sujeito age pensativamente consigo mesmo e no que se refere as expectativas sociais, além disso, tal evolução já caracteriza a infância das pessoas.

Ao longo da socialização humana o sujeito chega para adaptar seus papéis ativamente de acordo com as condições situacionais e em relação aos seus desejos e experiências e esta afirmação vale também para os papéis de gênero⁵. No entanto, também é verdade que suas experiências primárias, determinadas pelas condições específicas dessas, constituem a base

⁵ Ver: Radl Philipp, R. (2014) *Educación y socialización humana, identidades y nuevos roles de género femenino y masculino: el género a debate*, em: Em Aberto, Brasília, v. 27, n. 92, p. 45-56, jul./dez.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

da identidade de gênero específica. Por esse motivo, é particularmente importante de ter em conta que, no processo primário de socialização e educação, é necessário agir em relação a um novo conteúdo de identidade das pessoas. É, em absoluto, certo do que o sujeito humano escolha de forma individual livremente sua identidade de gênero. Afirmar tal extremo significa ignorar a dinâmica complexa dos processos de socialização e também os processos de mudança social.

Como temos já desenvolvido em outro lugar (RADL PHILIPP, 1988, 1991, 1996b, 2014) partimos da ideia do que nas ações educativas a educanda e o educando não são entidades passivas pelas intervenções da educadora e do educador, pelo contrário, são elementos ativos que, através da dinâmica da comunicação das relações sociais constroem e reconstroem ativamente, o significado dos atos educativos em que eles estão imersos e nas que participam desta forma, também em relação aos conteúdos de gênero e dos papéis de gênero.

George Herbert Mead e a tradição do interacionismo simbólico explicam, especialmente a nível ontogenético, o processo de aquisição e criação de significados sociais através da intervenção dos diferentes sujeitos na comunicação social. Põe de relevo, também, que é preciso que na interação social os símbolos não sejam simples, mas têm necessariamente que contar com um significado geral aceitado por todos.

Mead, falando do "gesto simples" e do "símbolo significativo"⁶, ressalta que o gesto simples nos ajuda para a coordenação de eventos simples ligados á dinâmica das situações, situações específicas. É possível discutir aqui o exemplo da pequena criança que levanta os braços á frente de nós e, em seguida, automaticamente nos agachamos para pegar a criança. No entanto, este gesto simples da criança converte-se em significante, quando a criança aprende que, quando levanta os braços uma pessoa a colhe para cima e para quando quiere alcançar isso levanta seus braços para esse propósito. Em efeito, a partir do gesto simples é construído o gesto significativo através da atribuição de significados que saem das participações dos sujeitos nas ações sociais e que são convertidos em invariáveis desde o ponto de vista da situação. O significado linguístico, por exemplo, não é assumido pelas pessoas simplesmente através de imposições hierárquicas, ou é apreendido meramente num ato de imitação nas situações sociais através de mecanismos de estímulo-resposta. Pelo

⁶ Vid. as ideias de George Herbert Mead em: MEAD, G. H. **Espíritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1972. p. 107 y ss.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

contrário, mesmo ao nível ontogenético (Veja o exemplo do menino que levanta os braços e então depois levanta os braços com propósito de vir para os braços), como ao nível filogenético o gesto significativo é o resultado de interações sociais, através dos quais significados são gerados graças ao trabalho ativo e reflexivo dos sujeitos⁷ (FICHTE, 1996, RADL PHILIPP, 1996). Digamos que os gestos significativos surgem a partir de uma relação dialética entre o "mundo exterior" e o "mundo interior" dos sujeitos de forma intersubjetiva.

Os gestos significantes nos permitem uma coordenação mais complexa, mas, quando além dos gestos significativos contemos com gestos significativos muito precisos, como é o caso dos sistemas de símbolos significantes, teremos cada vez mais chances de diferenciar e coordenar ações abstratas muito complexas, que por sua vez, permitem uma institucionalização gradual das próprias ações sociais.

Nas nossas sociedades existem de fato, muito diferentes sistemas de símbolos significativos, uma sociedade com estruturas altamente complexas que seguem uma dinâmica de "*divisão social do trabalho*"⁸ em um grau muito elevado. Podemos citar aqui, por exemplo, o sistema da música clássica, o da arte plástica, da poesia, da música pop, etc. Cada um destes sistemas mencionados transmite um significado que não pode ser expresso em toda a sua complexidade através de nenhum outro sistema de símbolos significativos, ao mesmo tempo evoca nas pessoas aos quais são dirigidos estes símbolos o mesmo nível de atitude de compreensão geral que despertam na pessoa que os emite. A partir de lá o sujeito constrói ativamente sua interpretação particular em relação aos feitos aos que aludem estes símbolos significativos. É mais, ainda há outra questão relevante tendo em consideração em relacionamento com nosso tema, devemos diferenciar entre dois níveis diferentes da comunicação humana que são aqueles que permitem, ecoando os diferentes teóricos da comunicação, para os sujeitos manter identidade em ações sociais. Estamos referindo o nível

⁷ Radl Philipp, R. (1996 a) Sociología Crítica: Perspectivas Actuales, Madrid, Síntesis, especialmente págs. 106-107, e Radl Philipp, R. (1996 b) Reflexiones sobre la capacidad lingüística y el origen de la lengua de J. G. Fichte desde una perspectiva sociológica, em: Fichte, J.G. (1996) *Sobre la Capacidad Lingüística y el Origen de la Lengua*, (Radl Philipp, R. ed.), Madrid, Tecnos, Págs. IX-XXIII, e Fichte, J.G. (1996) *Sobre la Capacidad Lingüística y el Origen de la Lengua*, (Radl Philipp, R. ed.), Madrid, Tecnos.

⁸ Tão como descreve Durkheim, que entende que a complexidade de um sistema social reside no seu grau de divisão social do trabalho que governa em uma formação social. Durkheim compreende que quantas mais áreas específicas das atividades humanas existem mais desenvolvida é a estrutura de uma sociedade. As teorias sociológicas modernas assumem geralmente este pressuposto sobre a diferenciação funcional das sociedades que descreve o desenvolvimento das sociedades tradicionais com uma "solidariedade mecânica" para as sociedades modernas com uma "solidariedade orgânica". DURKHEIM, E. (1982) *La división del trabajo social*. Madrid: Akal.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

do conteúdo e o nível da relação⁹ (WATZLAWICK et all, 1969, RADL PHILIPP, 1996a, 1996b; 1991).

As diferentes visões teóricas do interacionismo argumentam que graças de ter identidade própria o sujeito tem a possibilidade de interagir socialmente, ou seja, mostrando identidade o sujeito se apresenta, por um lado, como todas as outras pessoas que ocupam a mesma posição na sociedade, mas, por outro lado, o sujeito se apresenta como sujeito único, introduzindo na interação suas perspectivas e interpretações, desejos e necessidades particulares no que se refere a posição social que ocupa durante o desempenho dos papéis sociais. Desse modo o sujeito mantém em cada situação interativa um equilíbrio entre sua identidade social e pessoal, segundo é denominado em terminologia de Erving Goffman. (GOFFMAN, 1970) De esta forma o conceito sociológico de identidade, ligado sempre as interações sociais, refere sempre um ato reflexivo e criativo das pessoas, construto conceitual que é diferente de outras conceituações de identidade conhecida, principalmente de noções psicológicas, cotidianas de uso ou psicanalíticas (ERIKSON, 1966).

Voltando a George Herbert Mead, o autor mostra-nos aprofundando na constituição do conceito do "outro generalizado", que alude ao conhecimento social básico em referência para uma posição estrutural que ocupa um sujeito em sua comunidade ou sociedade, ou seja, seu papel social, como a pessoa jovem já durante o processo de gênese da sua personalidade atua como um sujeito ativo e reflexivo. Este teórico descreve como na infância o sujeito através dos assim chamados jogos de papéis não "reproduz" simplesmente situações vividas em relação aos papéis sociais, de outra parte primárias, que assimila na família, ao contrário, a partir do primeiro momento constrói e desenvolve criativamente esses mesmos papéis a partir de sua experiência com eles, ou seja, em relação com o papel de "pai" e "mãe", que correspondem a primeira experiência com os papéis de gênero. A partir dessa experiência ele vai assimilando mais tarde outros papéis sociais, como o papel da irmã / irmão, da professora / ou professor, polícia, etc. Esse fenômeno mostra, como exemplo, o fato de que a criança que desempenha no jogo o papel da mãe salta de um armário, isso é, desenvolve

⁹ Consulte sobre o tema Watzlawick e outros (1967) *Pragmatics of human communication- A study of Interactional Patterns. Pathologies and Paradoxes*, New York, y Radl Philipp, R. (1996 a) o.c., especialmente págs. 105 e p. 106-108, e Radl Philipp, R. (1996 b) o.c. págs. IX-XXIII, e Fichte, J.G. (1996) o.c., e Radl Philipp, R. (2014) *Condições estruturais, educação e dinâmica de comunicação: uma perspectiva teórico-interacionista sobre o sujeito no contexto educativo*, em: PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO, vol. 1, no. 2, jul-dez. p. 59-71, especialmente p. 63-65.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

ativamente o papel da mãe em relação com suas necessidades da situação, não viu nunca jamais saltar a mãe do armário. O exemplo nos confirma que, já durante a socialização primária as experiências dos roles de gênero e geracionais, tão como assinala o exemplo. Suas experiências forçá-lo a uma reconstrução dos papéis assumidos, tendo em conta os diferentes requisitos situacionais. O autor mencionado destaca como durante todo este processo é absolutamente essencial que a pessoa tenha umas habilidades pensativas, criativas e sociais que permitem a inter-relação entre as suas necessidades e desejos e as demandas que são reconhecidas como socialmente válidas em relação à posição social ocupada.

Voltando ao tema central desse artigo, é singularmente importante insistir sobre a relevância do conceito teórico interacionista para explicar a aquisição dos papéis de gênero e das identidades de gênero. Esses últimos não são apenas o resultado de imposições sociais unilaterais, ou um processo unilateral de reprodução social do sujeito humano do ponto de vista teórico interacionista defendido aqui. O sujeito elabora ao mesmo tempo reflexivamente e interpretativamente os papéis e identidades de gênero, dependendo esse processo, sim, das condições estruturais específicas que tornam o grau de comunicação, ou a margem comunicativa disponível para suas elaborações, desenhos e definições dos papéis de gênero feminino e masculino. É por isso que é tão importante manter presente que as ações educativas seguem, de fato, a dinâmica da interação simbólica. Em outras palavras, nós entendemos que a educação e a socialização humana correspondem a um processo interativo bidirecional e dialético que deve prestar especial atenção para a dinâmica da interação simbólica no que diz respeito às identidades e papéis de gênero.

Pelo motivo mencionado no contexto da educação é preciso planejar a temática e o significado dos papéis e das identidades de gênero de forma consciente, no jogo de papéis, nos textos, fazer análise social da representação em função do gênero em textos, meios de comunicação e os novos meios tecnológicos. Dessa forma podemos, finalmente, criar espaços de comunicação e interação importantes com visos para permitir experiências para a apresentação das identidades de gênero que permitem aos jovens aproveitar margens de interpretação e construção com vistas para novos esboços de identidades de gênero, mais flexíveis e abertos mais além dos construtos binários.

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

CONCLUSÕES

No presente espaço aprofundamos na temática dos processos de construção das identidades de gênero e educação de uma ótica teórica interacionista. Partimos das categorias de George Herbert Mead e da linha teórica que segue seus planejamentos teóricos e que tem desenvolvido mais especificamente aquelas ideias que ele introduziu. Argumentamos aqui uma visão teórica interacionista sob o ponto de vista das identidades humanas e aplicamos essa mesma concepção para as identidades de gênero.

Em suma, tendo em conta o ponto de vista teórico interacionista defendido, seria importante criar espaços de comunicação e interação com respeito às identidades de gênero com vistas para permitir os jovens aproveitar margens de interpretação e construção com vistas para novos esboços das identidades de gênero flexíveis e abertos mais além dos construtos binários.

REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, E. (1982) **La división del trabajo social**. Madrid: Akal.
- FICHTE, J.G. (1996) **Sobre la Capacidad Lingüística y el Origen de la Lengua**, (Radl Philipp, R. ed.), Madrid, Técnos.
- FOUCAULT, M. y otros (1991): **Espacios de Poder**. Madrid: La Piqueta.
- GOFFMAN, E. (2006): **Estigma. La identidad deteriorada**. Buenos Aires: Amorrortu, 10ª reimpressão, o original em inglês é de 1963.
- _____. (1977): **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Amorrortu, Buenos Aires.
- _____. (1988): **Internados. Ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales**. Amorrortu, Buenos Aires.
- IRIGARAY, Luce (1992): **Yo, Tú, Nosotras**. Ed. Cátedra, Valencia.
- IZQUIERDO, Mª. Jesus (1983): **Las, los, les (lis, lus). El sistema sexo/gênero y la mujer como sujeto de transformación social**. Barcelona.
- KRAPPMAN, Lothar (1972): **Soziologische Dimensionen der Identität**. Klett, Stuttgart,

Formação docente: identidade, gênero e diversidade

RADL-PHILIPP, R. M.

_____. (1974): **Neuere Rollenkonzepte als Erklärungsmöglichkeit für Sozialisationsprozesse**, en: VV.AA.: *Familienerziehung, Sozialschicht und Schulerfolg*. Weinheim-Basel, Beltz, 4. ed.

Mead, George Herbert (1972): **Espíritu, persona y sociedad**. Barcelona: Paidós.
Real Academia Española de la Lengua (2014) **Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua**, Madrid.

Radl Philipp, R. (1988) “*La familia como instancia socializadora según un enfoque interactivo-comunicativo*” em: *Revista Internacional de Sociología*, Vol. 46, Fasc. 2, abril-Junio, 299-314.

_____. (1991) “**La educación como Interacción Simbólica**”, en: *Revista de Ciencias de La Educación*, n. 145, p. 7-15.

_____. (2014) **Educación y socialización humana, identidades y nuevos roles de género femenino y masculino: *el género a debate***, em: *Em Aberto*, Brasília, v. 27, n. 92, p. 45-56, jul./dez.

_____. (1996 a) **Sociología Crítica: Perspectivas Actuales**, Madrid: Síntesis.

_____. (1996 b) **Reflexiones sobre la capacidad lingüística y el origen de la lengua de J. G. Fichte desde una perspectiva sociológica**, em: Fichte, J.G. (1996) *Sobre la Capacidad Lingüística y el Origen de la Lengua*, (Radl Philipp, R. ed.), Madrid, Tecnos, Págs. IX-XXIII.

_____. (2014) **Condições estruturais, educação e dinâmica de comunicação: uma perspectiva teórico-interacionista sobre o sujeito no contexto educativo**, em: *Perspectivas em Diálogo*, vol. 1, no. 2, jul-dez. p. 59-71.

_____. (1996c) **Los Procesos de la Constitución Social de las identidades de Género en el contexto de la socialización humana: Bases para un modelo teórico-interacionista**, em: RADL PHILIPP, RITA (ed.) *Mujeres e Institución universitaria en Occidente*, Servicio de Publicacións Universidade de Santiago, Santiago de Compostela.

_____. Mafra Medeiros, Shirlene Santos (2016) **Identidades, Género y Educación: Memoria Educativa y la Formación Social de la Identidad en Educadoras en Brasil**, In: *Revista Innovación Educativa*, No. 26, p. 127.

SUBIRATS, Marina/ Tomé, Amparo (2007) *Balones Fuera. Reconstruir los espacios desde la coeducación*, Barcelona: Octaedro.

Watzlawick e outros (1967) **Pragmatics of human communication- A study of Interactional Patterns. Pathologies and Paradoxes**, New York.